



# COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: <https://coloquio.gulbenkian.pt>

---

## [Recensão crítica a 'O Mar em Casablanca', de Francisco José Viegas]

Carlos Câmara Leme

Para citar este documento / To cite this document:

Carlos Câmara Leme, "[Recensão crítica a 'O Mar em Casablanca', de Francisco José Viegas]", *Colóquio/Letras*, n.º 174, Maio 2010, p. 227-228.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

ponsável pelos assassinios e amputações, simulando um suicídio e a necessidade urgente de um psiquiatra, consegue através de um discurso cifrado, servindo-se da *Explicação dos Sonhos*, de Freud, indicar pistas para a decifração do enigma e descoberta do criminoso. Se pensarmos que Irene Koch pode ser um anagrama de Erik Cohen (ou de Melech Honec, como seria o seu verdadeiro nome, segundo o editor) e que a própria mãe da jovem se recusa a falar dela («Se Irene existiu realmente [...] é provável que tenha criado o nome dela a partir de um anagrama seu, por ela ser uma criação de romance», p. 360), então as estratégias narrativas tornam-se mais densas e os anagramas ganham novo significado.

Recriando a realidade dos guetos polacos e interligando-a com os processos típicos do policial, o romance de Richard Zimler é um exemplo feliz de uma obra que conjuga o *suspense* com a reconstituição histórica, consciente e elaborada.

Maria de Fátima Marinho

NOTA

- <sup>1</sup> Cf. *História, Memória, Literatura. O Testemunho na Era das Catástrofes*, org. Márcio Seligmann-Silva, Campinas, Editora Unicamp, 2006.

**Francisco José Viegas**

**O MAR EM CASABLANCA**

Porto, Porto Editora / 2009

Escritor dos sete instrumentos — foi professor universitário e jornalista (no *JL* e na revista *Grande Reportagem*, sendo actualmente director da revista *Ler* e editor da *Quetzal*), cronista em vários jornais e divulgador, no sentido mais abrangente do termo, da literatura quer na rádio quer na televisão — Francisco José Viegas (n. 1962, Pocinho, Vila Nova de Foz Côa) chegou à república das letras com um livro

de poesia, *Fascínio da Monotonia* (1982), estreando-se cinco anos mais tarde na ficção com *Regresso por Um Rio* (1987).

A primeira incursão romanesca pelos labirintos policiais, um género que não pode ser subestimado ou tratado como literatura de segunda — todos os romances estão impregnados de um sentido de intriga, como acontece, só para dar um exemplo, em *O Nome da Rosa*, de Umberto Eco —, dá-se com *Crime em Ponta Delgada* (1989). O pessimista, cínico e melancólico chefe da Polícia Judiciária, Jaime Ramos, aparece em todo o seu esplendor em *Longe de Manaus* (2004), naquele que pode ser considerado o mais conseguido romance do escritor, e com o qual ganhou o Grande Prémio de Romance e Novela da Associação Portuguesa de Escritores.

Como acontece em *O Mar em Casablanca*, o núcleo duro dos seus romances não passa tanto pela resolução dos crimes que vão surgindo, mas pela atitude nostálgica e melancólica que Jaime Ramos (o *alter ego* do escritor?) tem perante o mundo: ele é apenas um «biógrafo incompreendido» de personagens, das suas histórias e das investigações, que se cruzam no(s) seu(s) caminho(s).

Na mira do escritor há uma relação entre os crimes que vão aparecendo e a natureza que os envolve, descrita num estilo queiro-siano, o que não deixa de ser curioso num camiliano confesso como é Francisco José Viegas. Mais do que um romance de personagens, estamos perante um «mar» de ambientes, a matéria-prima de que é feito o livro: Vidago, Porto, Douro e Luanda. As paisagens, na verdade, são a grande personagem de *O Mar em Casablanca*.

Logo a abrir, quando o primeiro cadáver é encontrado, no Hotel Palace do Vidago, o autor aproveita a oportunidade para descrever, nostálgicamente, o ambiente e a natureza que o rodeia com as «buganvílias, cedros, sempre cedros frondosos,

enormes, tingidos de chuva e do sol tímido da montanha — em simultâneo, com uma paisagem verdadeiramente transmontana a que só faltavam muros em ruínas, animais atravessando os caminhos e gotas de orvalho caindo de fotografias a sépia, melancólicas, tristes, sujas. Mas a paisagem era delicada, sim, carreiros ladeados de hortênsias que levavam aos courts de ténis, ao campo de golfe, ao rio — lá em baixo entre uma coluna de pinheiros» (p. 39).

Depois do primeiro homicídio ser detectado aparece outro, no Douro, um angolano que tinha estado no Palace do Vidago, e que surge aqui, como noutras passagens do romance, para denunciar o poder ditatorial instalado em Luanda. Quando um velho proprietário do Douro conversa com o investigador sobre o motivo pelo qual a segunda vítima teria aparecido morta por aquelas bandas, para lhe comprar os seus terrenos, Ramos pergunta-lhe de onde vem esse dinheiro. Por entre um sorriso, o homem responde-lhe: «Não me parece que tenha sido ganho honestamente, se quer que lhe diga. [...] A única coisa que lhe posso dizer é que se trata de uma sociedade de investimentos, como agora se diz, de capitais angolanos, e que o negócio está feito, praticamente» (p. 97).

Porém, mais uma vez, a conversa serve a Ramos de oportunidade para descrever a paisagem fantástica, que ele conhece bem, do Douro. Ao mesmo tempo que confessa que aquela é a sua terra, «nasci atrás daquele monte, o mais escuro, o que já não tem vinhas nem árvores para arder», remata: «Olhou para ele, para o vale,» para «os montes gravados a régua e esquadro, incisões horizontais onde cresceram socalcos ao longo dos séculos. Sentiu a brisa do rio entre os choupos, junto do ancoradouro» e «ficou ali retido parado diante da luz do crepúsculo — uma ameaça alaranjada que seria depois substituída pelo lusco-fusco» (p. 100).

À luz desta perspectiva, o livro, se por um lado é escrito com o recurso à tradição realista, nem se aproxima do romance à *clef* (segundo o modelo de Conan Doyle ou de Agatha Christie) nem do modelo dos *thrillers* psicológicos de Patricia Highsmith, embora exista o lastro da introspecção de Jaime Ramos à procura de si próprio, como se esse fosse o verdadeiro «crime» por esclarecer.

Logo no início do livro, o narrador (omnisciente de fio a pavio do romance) traça o perfil de Joaquim Ramos: «Uma profissão sem sentido, como a dele; a de vigiar os mortos e a de lhes traçar um destino interrompido. Não, ao fim destes anos nada daquilo teria sentido — o sentido da disciplina, da ordem, das investigações, do castigo dos criminosos» (p. 34). Ou, mais exactamente, «uma espécie de bibliotecário» (numa piscadela de olhos onde transparece a admiração do autor por Jorge Luis Borges). Ou já quase no final do romance: «Ele era um biógrafo de ausentes e desaparecidos, de mortos, de sombras, de gente que conhecia mal. Podia escrever a biografia de muitos deles, de gente que amou em silêncio, [como Rosa, a personagem feminina mais forte do romance] que odiou com método, que detestou com aplicação, que admirou com a eficácia de um céptico ou com a vulgaridade de um observador que vê um hotel em Copacabana voltado para a luz do mar» (p. 206).

Escrito sólida e versatilmente, *O Mar em Casablanca* pode representar, contudo, na obra do escritor, uma abertura para o desaparecimento do seu investigador: será Isaltino (o seu «cão obediente e fiel», pelo qual Ramos tem «uma admiração incontrolável» devido à sua «capacidade de trabalho», p. 47) o futuro «herói» dos seus policiais? Teremos de esperar pelos próximos «crimes»...

Carlos Câmara Leme